

<https://doi.org/10.51234/aben.22.e17.c06>

TRANSFORMAÇÃO DIGITAL NA EDUCAÇÃO FACE AO CONTEXTO DA PANDEMIA COVID-19

Monica Motta Lino¹

ORCID: 0000-0003-0828-7969

Silvana Silveira Kempfer¹

ORCID: 0000-0003-2950-9049

¹ Universidade Federal de Santa Catarina.
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Autora Correspondente:

Monica Motta Lino

E-mail: monica.lino@ufsc.br



Como citar:

Lino MM, Kempfer SS. Transformação digital na educação face ao contexto da pandemia Covid-19. In: Silva GTR (Org.). Concepções, estratégias pedagógicas e metodologias ativas na formação em saúde: desafios, oportunidades e aprendizados. Brasília, DF: Editora ABEn; 2022. 52-61 p. <https://doi.org/10.51234/aben.22.e17.c06>

Revisor: Gilberto Tadeu Reis da Silva.
Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, Brasil.

INTRODUÇÃO

Este é um convite para refletir sobre a educação superior e seu relevante papel social, especialmente em tempos de pandemia e de expansão e exponencial inovação tecnológica. Pensar primeiro na educação, porque precede as ferramentas e métodos - que são consequências e instrumentos que expressam e singularizam a perspectiva pedagógica e a forma que professores e professoras veem, sentem, percebem e vivem o mundo.

O mundo não tem mais fronteiras. Com os avanços tecnológicos, há uma efervescência digital, multicultural e social de pensamentos e ideias sem precedentes na história da humanidade. A convivência com a diversidade, o novo e o diferente é um caminho irremediável para as atuais e próximas gerações. Neste mundo tecnológico e globalizado, as fronteiras entre os povos se tornaram praticamente inexistentes, dada a possibilidade concreta de comunicação e interação entre as pessoas, possibilitada pelo sistema *OnLine*. Ou seria *OnLife*?

O sistema *OnLife* pode ser compreendido como a simbiose entre a vida humana e a tecnologia digital. Especialmente com o advento da internet, o avanço da comunicação, da inteligência artificial e da industrialização, as pessoas mudaram drasticamente os seus estilos de vida, com influências para o bem e para o mal. Avançou-se na agricultura e pecuária, mas opções sustentáveis têm sido adotadas? Desde a produção no campo ao prato que está servido à mesa? Telas de telefones e computadores substituíram espaços de diálogo presencial, aproximando pessoas que vivem distantes e afastando famílias inteiras que vivem debaixo do mesmo teto.

A sociedade vem desenvolvendo sistemas tecnológicos cada vez mais sofisticados e complexos, conhecendo diversas revoluções tecnológicas - e até a chamada revolução 4.0 ainda havia uma certa ordem de desenvolvimento que envolvia a tecnologia e a vida de maneira distinta, porém, essa revolução cresceu exponencialmente e mobilizou os



cientistas a desenvolverem o que tem sido denominado de *Quinta Revolução Industrial*, objetivando a ampliação da conexão entre pessoas e sistemas inteligentes, ascendendo, também, a computação quântica⁽¹⁾.

Nesse contexto, a transformação digital que se vive atualmente aportou transições nos sentidos do que se entende por qualidade de vida. Questiona-se a perspectiva de que a qualidade de vida das pessoas esteja atrelada ao poder de consumo de produtos/bens/insumos. A tendência é que a qualidade de vida das pessoas se relacione ao seu poder de consumo *tecnológico*, análise que ultrapassa o conceito de acesso à tecnologia. Não basta ter acesso a dispositivos, a conteúdos, a novos métodos e modelos tecnológicos, se não souber usá-los. O modelo *OnLife* requer algumas reflexões, pois é preciso que as sociedades vivam a tecnologia para além da inclusão digital, mas na perspectiva sóbria e realista da sustentabilidade, do bom uso e da aptidão para realizar escolhas conscientes.

Com tudo isso sucedendo tão rapidamente, as formas de ensinar e aprender no ensino superior acompanharam tais transições. As tecnologias educacionais e digitais são, irremediavelmente, inseparáveis da vida docente e discente - são *OnLife* - e o seu uso aumentou consideravelmente durante o período da pandemia por Covid-19. Mas, assim como em outras dimensões da vida humana, a transformação digital na educação superior traz influências que podem ser positivas ou negativas - isso depende do modo como são adotadas/consumidas.

Para aprofundar nessa ideia serão apresentados dois eixos de reflexão: o primeiro apresenta o panorama da educação em tempos de pandemia, ou seja, como a necessidade de isolamento social influenciou a educação; e o segundo eixo discorre propositivamente sobre os impactos da transformação digital no contexto pós-pandemia.

EDUCAÇÃO SUPERIOR NO CONTEXTO DA PANDEMIA POR COVID-19

Em uma situação pandêmica, como é o caso da Covid-19, as instituições que desenvolvem o ensino, a ciência e a tecnologia têm papel fundamental na proteção da saúde das pessoas, de maneira sustentável, já que a responsabilidade pela vida é sua principal atividade, envolvendo o espírito científico, a comunicação, sensibilidade e cultivo do conhecimento humano. Os epidemiológicos indicam que a pandemia da Covid-19 representa um dos maiores desafios de saúde mundial do século⁽²⁾.

Os modelos de ensino adotados no mundo durante a pandemia têm ao menos uma característica em comum: não foram considerados pela literatura acadêmica, nem como ensino a distância (quando há material programado para esta modalidade), nem *homeschooling* (quando os pais são os tutores). Estudos internacionais têm nomeado o que está passando pelo coronavírus como 'ensino remoto' e, alguns autores adicionam 'emergencial'. Assim, como ponto de partida, cumpre esclarecer as diferentes modalidades (Quadro 1).

Quadro 1 - Modalidades de Educação. Florianópolis, SC, Brasil, 2022.

Presencial	Modalidade de ensino que congrega estudantes e professores em um mesmo ambiente físico e ao mesmo tempo, possibilitando interação direta.
À distância	Modalidade de ensino desenvolvido com ambiente de aprendizagem virtual, com o apoio de professores/tutores e recursos tecnológicos desenhados especificamente para favorecer a aprendizagem e a comunicação online.
Semi-presencial (Híbrido)	Modalidade de ensino autorizado pelo Ministério da Educação do Brasil no ano de 2004, conhecido como <i>blended learning</i> ou híbrido. A grade curricular total precisa ter no máximo 20% de horas-aula à distância.
Homeschooling	Os estudantes são ensinados em casa, geralmente pelos pais. No Brasil não há regulamentação para essa modalidade.
Remoto	Não é uma modalidade de ensino. Ocorre quando são combinadas aulas e atividades, virtualmente, ao mesmo tempo síncronas ou assíncronas, cujo caráter é eventual.

A transição forçada que foi preciso fazer nas universidades que se organizavam a partir de atividades presenciais para formas de aprendizagem híbrida e/ou remota, devido à pandemia do Covid-19, provocou uma desconexão e uma experiência de isolamento coletivo - cujo impacto pareceu maior entre estudantes. Neste contexto, as instituições com uma tradição de envolvimento ativo e sustentável do ponto de vista pedagógico e metodológico, tiveram mais ferramentas para lidar com a situação. As iniciativas de parceria com os estudantes têm funcionado como rede de apoio e como um antídoto contra essa desconexão, reforçando os espaços de interação social e escuta ativa entre diferentes membros da comunidade educativa e acadêmica. De fato, esta e outras situações, tornaram-se espaços para favorecer o diálogo e a gestão positiva de conflitos⁽³⁾.

A maioria dos programas de parceria com os alunos foram desenvolvidos em Universidades eminentemente presenciais. Portanto, os mecanismos, recursos e espaços utilizados correspondem a este quadro de relação. Deve-se então buscar fórmulas para efetivamente conduzir e sustentar essas iniciativas em ambientes virtuais⁽⁴⁾.

Com a pandemia, professores manifestaram nas redes sociais e outros meios de comunicação o desafio que tem sido reverter a lógica da aula presencial na sala de aula remota, em que, teoricamente, o aluno torna-se protagonista de seu saber. Há certa angústia envolvida nos diálogos, que indica falta de preparo para ensinar com novos artefatos tecnológicos; e ainda mais: uma preocupação concreta com os estudantes que, devido a esta situação, são marginalizados do setor educacional por não terem acesso à internet e a outros dispositivos tecnológicos.

A Unicef⁽⁵⁾ recomendou aos professores de atividades práticas que recompensassem o tempo de instrução perdida no contexto pós-pandemia ou, ao menos, com maior segurança para todos; fortalecessem os métodos de ensino exitosos - baseados em modelos híbridos de aprendizagem, bem como, as formas para garantir o bem-estar e a proteção dos estudantes, inclusive mediante à prestação de serviços escolares essenciais, como cuidados com a saúde.

O fechamento prolongado de escolas devido à pandemia Covid-19 causou não apenas a perda de aprendizado a curto prazo, mas também, uma perda adicional de capital humano e uma redução das oportunidades econômicas a longo prazo. Os países enfrentaram diversos confrontos para gerenciar o fechamento e a reabertura das escolas e também precisaram se preparar para gerenciar a continuidade da aprendizagem, bem como, desenvolver um projeto de resiliência e reforma objetivando melhorar o sistema a longo prazo. Para ajudar a mitigar a perda de ensino, muitos países buscaram opções para usar o aprendizado remoto e se organizar diante da crise.

A crise enfatizou fortemente as desigualdades, não apenas em relação ao acesso digital, porque mesmo com adaptações, não se garantiu acesso à educação para todas as pessoas. Os sistemas educacionais precisaram de constante adaptação. Evidenciou, por suposto, o quanto a tecnologia desempenha um papel essencial na educação dos estudantes. Assim, o ensino remoto exigiu de todos os envolvidos uma reinvenção.

À medida que os países investiram na aprendizagem remota como medida de emergência para alcançar estudantes, os desafios que eles enfrentaram tornaram-se as bases para reinventar a educação. Nesse caso, foi necessário um conteúdo digital personalizado, modular e aprimorado por dados. Na fase de confronto, em vez de desenvolver novos conteúdos, o que exigiu muito tempo e experiência, os professores se concentraram na adaptação de conteúdos existentes (especialmente o gratuito e aberto) e alinhá-lo com o plano de estudos. Ainda, no mundo digital, foi preciso pensar em aulas que promovessem a participação/ envolvimento do estudante.

Para se preparar para o futuro, os professores precisaram desenvolver conteúdos breves e modulares para a sua distribuição em múltiplos canais, tendo o celular em destaque. Consideraram-se como conteúdos digitais, os dados coletados de estudantes e as regras ou algoritmos que interpretavam esses dados. Foi necessário redesenhar o conteúdo, levando-se em consideração as habilidades e as experiências prévias dos estudantes, de modo a fornecer várias possibilidades, caminhos e oportunidades para que estes desenvolvessem o seu potencial.

Outro aspecto a se destacar é que, mais que nunca, é fundamental refletir sobre a exclusão digital, visto que um desafio importante para a aprendizagem remota é a enorme desigualdade no acesso à tecnologia. Por exemplo, de acordo com Banco Mundial⁽⁶⁾ nas famílias com estudantes de educação primária na África, apenas 30% das famílias pobres têm rádio em detrimento de 79% das mais ricas. A desigualdade também é evidente com propriedade de televisão (4% das famílias pobres têm, se comparado a 82% das ricas), o computador (menos de 1% para famílias pobres frente à 25% para as mais ricas), Internet (0,3% nas pobres versus 22% nas ricas) e telefones celulares (46% em famílias pobres versus 97% em famílias ricas).

O conteúdo digital pode ser compartilhado através de múltiplos canais de distribuição e, para alcançar todas as pessoas em grande escala, os sistemas educativos devem preparar respostas multifacetadas, aproveitando todas as tecnologias disponíveis: imprensa, rádio, TV, celular, online e impresso, usando uma combinação destes meios para garantir que os estudantes se envolvam e aprendam. Para que a entrega da educação em modelo híbrido se tornasse o 'novo normal' para alcançar todas as famílias, primeiro fez-se necessário resolver as grandes desigualdades no acesso à Internet e dispositivos tecnológicos.

Um contexto especialmente desafiador foram os países vulneráveis, em situações de conflito ou violência, onde a evidência mostrou que a pobreza de aprendizagem ultrapassa 90% e as mulheres jovens são afetadas desproporcionalmente.

A educação, em sua essência, é um empreendimento social e os professores devem estar preparados para usar tecnologias envolvendo os estudantes na aprendizagem. O apoio e treinamento de professores no uso de tecnologias educacionais e adaptações pedagógicas são fundamentais. É provável que uma combinação de vários modos de entrega (offline/online/híbrido) seja eficaz, com foco na aprendizagem, e não apenas no uso da tecnologia.

IMPACTOS DA TRANSFORMAÇÃO DIGITAL NO CONTEXTO PÓS-PANDEMIA

A tecnologia educacional por si só não é uma panaceia. Embora o investimento em educação e tecnologia esteja aumentando, o aprendizado e resultados e suas consequências não mudaram consideravelmente em muitos países. Um relatório da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) concluiu que quando se tratando do impacto do uso do computador nas escolas medidas pelo PISA (Programa de Avaliação Internacional de Estudantes do OCDE - PISA, por sua sigla em inglês), o impacto no desempenho de aprendizagem dos alunos é misto, na melhor das hipóteses.

No entanto, a Covid-19 mudou o debate sobre Educação e Tecnologia de uma questão de 'se' para uma questão de 'como'. A experiência até o momento destaca que ensinar e aprender à distância não é o mesmo que ensinar presencialmente. Muitos professores com acesso a conteúdo eletrônico, por exemplo, usam-no como qualquer outro livro de texto para ler em sala de aula. Algumas configurações incluem conteúdo mais curto e modular, conteúdos mais atrativos, como entretenimento educacional, *feedback* contínuo, discussões *online* em grupos menores sobre questões mais abertas. Deve-se prestar mais atenção em como a tecnologia poderá melhorar a aprendizagem em um ambiente de aprendizagem híbrido, atingindo os estudantes, tanto na escola quanto em casa.

As diretrizes publicadas pela UNESCO⁽⁵⁾ forneceram aconselhamento geral aos governos e parceiros para facilitar a reabertura da escola. Eles compartilharam o objetivo de proteger e promover o direito à educação para todos os estudantes durante o período pandêmico. Portanto, em termos de política, o documento recomendou a adoção de diretrizes claras para abertura e fechamento de estabelecimentos de ensino durante as emergências de saúde pública. Expandir o acesso equitativo para pessoas marginalizadas e ambientes educacionais externos também foi importante, assim como esforços para padronizar práticas de ensino à distância.



Figura 1 - Estudantes se sentam à distância para fazer um teste de aptidão para ingressar na Universidade de Medicina de Roma. Florianópolis, SC, Brasil, 2022

Fonte: *iNews*, 2020. Foto: *Cecília Fabiano / LaPresse via AP*.

As diretrizes⁽⁵⁾ priorizavam pessoas em situação de vulnerabilidade. Abordavam como expandir as políticas e práticas de abertura de instituições de educação para aqueles que, muitas vezes, eram excluídos - em particular crianças, jovens e imigrantes - proporcionando comunicações críticas em idiomas relevantes e formatos acessíveis. Quando as instituições escolares começaram a reabrir, a prioridade passou a ser a reintegração dos alunos nos ambientes, com segurança e de forma que permitisse que o aprendizado acontecesse novamente.

No final, as instituições de ensino refletiram sobre como eles poderiam 'reabrir' da melhor forma. As agências argumentaram que os melhores interesses das pessoas e das considerações de saúde pública em geral, com base em uma avaliação de benefícios e riscos associados à educação, a saúde pública e os fatores socioeconômicos, devem ser fundamentais nessas decisões. As interrupções das aulas poderiam ter um grande impacto na capacidade de aprendizagem das pessoas. Quanto mais marginalização ocorrer no ambiente escolar, menor a probabilidade de que esses alunos retornem. Os estudantes de famílias em situação socioeconômica desfavorável e vulnerável são quase cinco vezes mais propensos a estar fora da escola primária do que aqueles de famílias com maior poder aquisitivo e acesso a recursos em suas diferentes perspectivas⁽⁵⁾.

Estar fora do ambiente educacional também aumenta o risco de gravidez na adolescência, exploração sexual, casamento infantil, violência e outras ameaças. Além disso, o fechamento prolongado interrompe os serviços essenciais oferecidos pela própria instituição de ensino, afeta as campanhas de vacinação, a alimentação oferecida, saúde mental e apoio psicossocial que existe, além de causar estresse e ansiedade pela perda de interação entre casais e rotinas interrompidas⁽⁵⁾.

Esses impactos negativos foram significativamente maiores para as pessoas marginalizadas do que para aqueles que vivem em países afetados por conflitos e outras crises prolongadas, imigrantes, pessoas deslocadas à força, minorias, pessoas com deficiência e/ou requerentes de asilo. A reabertura das escolas precisou ser segura e consistente com o perfil da Covid-19 em cada região, respondendo à saúde e tomando todas as medidas razoáveis de proteção aos alunos, funcionários, professores e suas famílias⁽⁵⁾.

O momento da reabertura das escolas foi orientado para o melhor benefício para os alunos, dadas as considerações gerais de saúde pública, ou seja, baseado em uma avaliação dos benefícios e riscos associados, com base em evidências intersetoriais e específicas do contexto, incluindo educação, saúde, saúde pública e fatores socioeconômicos⁽⁵⁾.

Algumas instituições de ensino superior, como a University of East Anglia (UEA), na cidade de Norwich, no Reino Unido⁽⁷⁾ reabriram para o ensino presencial, adaptando as medidas de controle sanitário. Por isso, avaliavam funcionários e 17.500 alunos duas vezes por semana, por meio de testagem clínica para o Covid-19.



Figura 2 - Os testes universais da Covid-19 estão sendo realizados nos campos da University of East Anglia (UEA), na Cidade de Norwich, Reino Unido. Florianópolis, SC, Brasil, 2022

Fonte: *iNews*, 2020. Foto: Andrew Milligan/PA Wire.

No plano de ação 'quadro para a reabertura das escolas' são propostas etapas para a seleção de escolas a serem reabertas, gradualmente, em cada região após a análise do quadro epidemiológico-social⁽⁵⁾.

De acordo com o documento, as orientações foram dadas antes, durante e depois das escolas abertas. As orientações foram divididas em quatro grandes dimensões: (1) Operações seguras; (2) Atenção especial à aprendizagem; (3) Bem-estar e proteção; e (4) Benefício aos marginalizados.

Para aprofundar: O *Quadro para a reabertura das escolas* teve como objetivo servir de base para o processo de adoção de decisões sobre a reabertura das escolas, guiar os preparativos em diferentes nações e orientar a implementação da reabertura das escolas como parte do processo geral de planejamento da saúde pública e da educação. Trata-se de instrumento flexível, que pode ser adaptado a cada contexto e se atualizado à medida que a situação muda. As diretrizes estabeleceram seis áreas prioritárias principais para avaliar a preparação da escola e orientar o planejamento. Link: <https://www.unicef.org/media/68871/file/SPANISH-Framework-for-reopeningschools-2020.pdf>

	Antes da reabertura	Parte do processo de abertura	Com as escolas abertas
	Preparar-se com políticas, procedimentos e planos de financiamento estratégicos necessários para melhorar a escolaridade, com foco em operações seguras, incluindo o fortalecimento de práticas de ensino a distância.	Adotar abordagens proativas para reintegrar crianças vulneráveis e que estão fora da escola. Investir em água, saneamento e higiene para mitigar riscos e concentrar-se em programas de recuperação para compensar o tempo perdido de aprendizagem.	Monitorar de forma ativa os indicadores de saúde, expandindo o foco para o bem-estar e a proteção. Fortalecer metodologias que adaptem a educação a distância para ensino e aprendizagem combinados, incluindo conhecimento sobre transmissão e prevenção à infecção.
Operações seguras [consulte as orientações do Comitê Permanente Interagências (IASCI) sobre prevenção e controle da COVID-19 nas escolas para obter informações detalhadas.]	Disponibilizar orientações nacionais claras sobre os parâmetros para a tomada de decisões quanto às aberturas de escolas. Elas precisam ser progressivas, começando nas áreas com as menores taxas de transmissão e menor risco localizado. As aberturas de escolas podem ser escalonadas – por exemplo, podem ser limitadas inicialmente a alguns dias da semana ou aplicadas apenas a determinados anos ou níveis educacionais. As políticas nacionais devem fornecer orientações claras para a avaliação subnacional e a tomada de decisões.	As autoridades educacionais devem fortalecer os mecanismos de comunicação e coordenação que promovem o diálogo local e o envolvimento com comunidades, pais e crianças no que diz respeito a questões educacionais.	Caso ocorra o ressurgimento da transmissão comunitária, desenvolver um modelo de decisão para fechar novamente e reabrir as escolas, conforme necessário.
	Desenvolver protocolos claros e de fácil compreensão sobre medidas de distanciamento físico, incluindo a proibição de atividades que exijam grandes aglomerações; escalonar horários de início e fim do dia escolar (para que as turmas não entrem e saiam ao mesmo tempo), e horários para alimentação, realização das aulas em espaços temporários ou ao ar livre, e o funcionamento da escola em turnos para reduzir o tamanho das turmas.	Aumentar a proporção das escolas com água potável e segura, instalações de lavagem de mãos e material de limpeza e, sempre que possível, construir e ampliar os banheiros ou vasos sanitários separados por sexo, incluindo materiais para a gestão da higiene menstrual.	
	Desenvolver protocolos detalhados sobre medidas de higiene, incluindo lavagem das mãos, etiqueta respiratória, uso de equipamentos de proteção, procedimentos de limpeza de instalações e práticas seguras de preparação de alimentos.	Treinar os funcionários administrativos e os professores para a implantação de práticas de distanciamento físico e higiene escolar, e aumente o número de funcionários nas escolas, conforme necessário. A equipe de limpeza também deve ser treinada em desinfecção e, na medida do possível, deve possuir equipamentos de proteção individual (EPIs).	Enfatizar a mudança de comportamento para aumentar a intensidade e a frequência das atividades de limpeza e higienização, assim como para melhorar as práticas de gestão de resíduos.

Continua

Continuação da Figura 3

	Antes da reabertura	Parte do processo de abertura	Com as escolas abertas
Operações seguras (continuação)	<p>Revisar as políticas de pessoal e de comparecimento com os sindicatos de professores para coordenar ausências relacionadas à saúde e apoiar o ensino a distância e com abordagem combinada.</p> <p>As políticas devem proteger funcionários, professores e estudantes em situação de alto risco devido à idade ou a doenças pré-existentes, com planos para cobrir professores ausentes e continuar a educação a distância para apoiar os estudantes que não podem frequentar a escola, ajustando as circunstâncias individuais na medida do possível.</p>	<p>Caso funcionários ou estudantes fiquem doentes, fornecer aos gestores da escola orientações claras para estabelecimento de procedimentos. As orientações devem incluir o monitoramento da saúde dos estudantes e dos funcionários, mantendo-se contato regular com as autoridades locais de saúde, além da atualização dos planos de emergência e das listas de contatos.</p> <p>As escolas também devem garantir que haja espaço para separar temporariamente estudantes e funcionários doentes, sem criar discriminação e estigmas. Compartilhar os procedimentos com funcionários, pais e estudantes, inclusive aconselhando todos os estudantes e funcionários doentes a permanecerem em casa.</p>	
	<p>Identificar fontes de financiamento de resposta e recuperação para investimentos imediatos em água, saneamento e higiene nas escolas. Priorizar os custos de suprimentos e serviços para limpar e desinfetar completamente as escolas, bem como para planos e estoques de contingência.</p>	<p>Promover práticas de higiene em todos os âmbitos e para todos os funcionários do sistema escolar, com ênfase na lavagem das mãos e na etiqueta respiratória.</p>	<p>Incentivar o uso de substâncias higienizadoras para as mãos e, quando recomendado pelas autoridades nacionais, enfatizar a importância do uso adequado de máscaras de tecido. As informações sobre higiene devem estar disponíveis e acessíveis de forma ampla, inclusive em línguas minoritárias ou em braille, e também em linguagem adaptada para melhor compreensão infantil.</p>
	<p>Utilizar a resposta à COVID-19 como uma oportunidade para revisar políticas sobre o uso de instalações escolares durante emergências (como abrigos, unidades de saúde, locais de quarentena etc.).</p>		
Foco na aprendizagem	<p>Oferecer aos professores e aos gestores escolares apoio e treinamento em ensino a distância, e em maneiras de apoiar seus estudantes enquanto as escolas estão fechadas. Isso pode incluir a criação de grupos de colegas em plataformas móveis ou o fornecimento de créditos de celular para o contato com os pais.</p>	<p>Revisar as políticas e os requisitos de admissão para se alinhar aos objetivos da universalização da educação, ao eliminar barreiras e reduzir os requisitos de ingresso.</p> <p>Estabelecer ou atualizar padrões de equivalência e reconhecimento oficial para caminhos alternativos de aprendizagem.</p>	<p>Aumentar os investimentos em educação a distância: (1) para se preparar para as próximas rodadas de fechamento de escolas; (2) para fortalecer o ensino e a aprendizagem onde os fechamentos permanecem em vigor; e (3) para complementar as horas de ensino com um modelo combinado, com o qual as escolas possam funcionar com horários parciais ou adaptados.</p> <p>Incluir mais financiamento para capacitação e treinamento de professores.</p>
	<p>Desenvolver calendários acadêmicos alternativos, com base em diferentes cenários de saúde pública e levando em consideração as modalidades a serem utilizadas para o ensino a distância.</p>	<p>Capacitar os professores para lidar com as necessidades de recuperação da aprendizagem e de saúde mental e atenção psicossocial (SMAPS) dos estudantes. Os esforços de treinamento devem melhorar de forma explícita a capacidade dos professores de atenderem às necessidades básicas socioemocionais e de alfabetização/numeramento dos estudantes, principalmente em escolas com alta proporção de estudantes em situação de risco.</p> <p>Os professores devem ser treinados para identificar mudanças comportamentais e cognitivas relacionadas à idade, bem como para oferecer apoio à aprendizagem adequado às diferentes faixas etárias.</p>	<p>Considerar dispensar exames menos importantes, como os utilizados para decisões de aprovação, a fim de concentrar recursos na garantia de que os exames essenciais (como os usados para a obtenção de grau na educação secundária superior ou para a entrada na universidade) sejam realizados de maneira válida, confiável e equitativa, levando em consideração o distanciamento físico e outros requisitos de saúde.</p> <p>Sempre que possível, considerar a aprovação direta e avaliar os níveis de aprendizagem dos estudantes após o fechamento da escola para fundamentar os esforços corretivos.</p>

Continua

Continuação da Figura 3

	Antes da reabertura	Parte do processo de abertura	Com as escolas abertas
Foco na aprendizagem (contínua)	<p>Avaliar os impactos no setor de educação privado e considerar possíveis respostas, incluindo a expansão da oferta de educação pública, o financiamento público da oferta privada ou outras alternativas, conforme apropriado.</p>	<p>Implementar programas de recuperação em larga escala para reduzir a perda de aprendizagem e impedir o aumento das desigualdades de aprendizagem após o fechamento das escolas, com foco na alfabetização e no numeramento para crianças em idade da educação primária e em instalações com acessibilidade para crianças com deficiência.</p> <p>Modelos de educação acelerada podem ser implementados de modo paralelo, para integrar crianças anteriormente fora da escola ou acima da idade.</p>	<p>Implementar métodos inovadores de apoio aos professores, como desenvolvimento profissional <i>online</i>, treinamento ou tutoria para ajudar a melhorar mais rapidamente os esforços de desenvolvimento de habilidades. Esse treinamento ou desenvolvimento de habilidades também pode ser integrado antes e durante os cursos formais de formação para professores.</p>
Bem-estar e proteção	<p>Garantir o pagamento contínuo e pontual dos salários dos professores, dando atenção àqueles com contratos precários, a fim de reduzir o desgaste dos professores e promover o seu bem-estar.</p>	<p>Aumentar a prestação de serviços de saúde mental e de apoio psicossocial que abordem a estigmatização/discriminação e ajudem as crianças e suas famílias a lidar com as contínuas incertezas da pandemia.</p>	<p>Compartilhar informações claras, concisas e precisas sobre a COVID-19, padronize mensagens sobre medo e ansiedade e promova estratégias de autocuidado, não apenas para os estudantes e suas famílias, mas também para os professores e outros funcionários da escola.</p>
		<p>Realizar uma avaliação de risco para professores e outros funcionários (considerando idade, condições crônicas de saúde e outros fatores de risco); então, implementar uma abordagem escalonada para o retorno à escola.</p>	<p>Revisar e fortalecer os sistemas de encaminhamento médico, principalmente para casos graves. Garantir que todo provedor esteja ciente de outros serviços de saúde, incluindo o encaminhamento para atendimento de casos de violência baseada em gênero e prevenção de abuso e exploração sexual (VBG/PAES) e serviços de saúde sexual e reprodutiva (SSR).</p>
Alcançar os mais vulneráveis		<p>Restabelecer a disponibilização regular e segura de serviços essenciais. Isso inclui, entre outros, nutrição básica, água, saneamento e higiene (WASH) e serviços de saúde, como alimentação escolar, campanhas de vacinação, encaminhamentos de proteção (SMAPS, violência baseada em gênero, abusos etc.) e serviços especializados para crianças com deficiências.</p>	<p>Onde os serviços não estiverem disponíveis na escola, é preciso fortalecer os sistemas de encaminhamento, inclusive para os serviços de SSR que sejam totalmente acessíveis e adequados para os jovens.</p>
	<p>Direcionar financiamento educacional para as escolas mais atingidas pela crise, por exemplo, por meio de financiamento com base em fórmulas que priorizem os mais vulneráveis. Em termos de mecanismos, considerar bolsas de estudo e transferências de recursos ou renda (condicionais ou incondicionais) para os estudantes.</p>	<p>Sempre que possível, suspender as taxas escolares e outros custos (uniformes etc.) e eliminar outras barreiras ao ingresso para maximizar as taxas de matrícula.</p>	<p>Priorizar o financiamento que dê suporte a novas necessidades de recuperação, especialmente para estudantes desfavorecidos. Uma alternativa consiste em suspender ou revisar temporariamente elementos com base no desempenho para o financiamento <i>per capita</i>, o que pode garantir financiamento contínuo e evitar reduções devido ao baixo desempenho ou à falta de conformidade.</p>
	<p>Adaptar políticas e práticas de abertura da escola para expandir o acesso a grupos vulneráveis, como crianças fora da escola, deslocadas/migrantes e de minorias. Diversificar a comunicação estratégica e o alcance, disponibilizando-os em línguas relevantes, formatos acessíveis e adaptando-os aos públicos de interesse.</p> <p>Tomar medidas específicas para mitigar os riscos de proteção enquanto as meninas e outros grupos vulneráveis estão fora da escola, por meio do aumento do envolvimento da comunidade e da melhoria do encaminhamento.</p>	<p>Adotar medidas específicas para apoiar o retorno das meninas à escola por meio de um maior envolvimento da comunidade.</p>	<p>Garantir que materiais/plataformas de ensino, informações, serviços e instalações sejam acessíveis a pessoas com deficiências. As informações e comunicações de saúde pública devem estar disponíveis em vários formatos acessíveis, inclusive para pessoas com deficiência auditiva ou visual.</p> <p>Devem ser realizadas modificações para garantir que os serviços de água, saneamento e higiene (WASH) sejam acessíveis. Planejar a continuidade dos serviços de assistência no caso de as escolas serem fechadas novamente.</p>

Figura 3 - Quadro para reabertura das escolas. Florianópolis, SC, Brasil, 2022
Fonte: Unicef/UNESCO, 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os processos educativos e as práticas pedagógicas sempre foram influenciados pelas mudanças na sociedade, considerando que a cada momento histórico um perfil de formação é desejado, uma nova dinâmica é implementada, um novo contexto de aprendizagem vem e promove novas formas de fazer em educação. Muitas dessas transformações foram revoluções tanto para a instituição de ensino, quanto para os professores e estudantes, pois, para além do comportamento destes diante do ensinar e do aprender, transformaram-se também as teorias de aprendizagem.

A última influência paradigmática no setor educativo foi a Pandemia por Covid-19, que modificou sobremaneira o contexto da escola. Nesse caso, a grande mudança ocorreu no que se refere a influência da tecnologia na prática pedagógica. A sociedade já reconhece a tecnologia em diferentes processos do viver humano, no que se refere ao ensino ela está inserida na divulgação de estudos científicos, ampliação do acesso a informações, socialização do conhecimento, pesquisas e demais processos que facilitam a translação do conhecimento. Mas, ainda estavam sendo influenciadas lentamente as práticas pedagógicas, de forma tímida no ensino tradicional, porém, a pandemia exigiu uma rápida mudança no processo de ensinar e aprender, que passou a ter a sua natureza estritamente *online*, remota, virtual, sem que o processo tivesse sido preparado para isto.

Desafios docentes, institucionais e discentes foram inúmeros para dar conta dessa nova realidade educacional, e, para isso, estratégias, adaptações e novas propostas pedagógicas emergiram e, parece que vieram para ficar e se integrar à vida humana, ou seja, *onlife*.

REFERÊNCIAS

1. Santos KEE, Torres, Patricia Lupion. Educação Digital: Híbrida e Onlife. Rev UFG. 2021;21(27):70045. <https://doi.org/10.5216/revufg.v21.70045>
2. Costa R, Lino MM, Souza ALJ, Lorenzini E, Fernandes GCM, Brehmer LCF, et al. Ensino de Enfermagem em tempos de Covid-19: como se reinventar nesse contexto? Texto Contexto Enferm. 2020;29:e20200202. <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2020-0002-0002>
3. Mercer-Mapstone L, Abbot S. (Eds.). The power of partnership. students, staff, and faculty revolutionizing higher education. Elon University Center for Engaged Learning. 2019.
4. Marie J, Mercer-Mapstone L. Practical Guide: Scaling up student-staff partnerships in higher education. University of Edinburgh: Edinburgh. 2019.
5. Unicef. Unesco. Marco para a reabertura das escolas[Internet]. 2020[cited 2022 Sep 29]. Available from: <https://www.unicef.org/media/68871/file/SPANISH-Framework-forreopening-schools-2020.pdf>
6. World Bank Group. Remote Learning response to Covid-19 Knowledge Pack[Internet]. 2021[cited 2022 Sep 29]. Available from: <https://pubdocs.worldbank.org/en/925611587160522864/KnowledgePack-COVID19-RemoteLearning-LowResource-EdTech.pdf>
7. Somerville E. iNews. Universities could face fresh strikes unless teaching is 'Covidsafe', union warns. Education[Internet]. 2020 [cited 2022 Sep 29]. Available from: <https://inews.co.uk/news/education/universities-reopening-uk-coronavirus-lockdown-campus-ucustrikes-633763>